



O som como elemento da experiência urbana do futebol¹

Pedro Silva Marra²
Instituto Metodista de Minas

RESUMO

O Presente trabalho refletirá sobre a interação existente entre os torcedores e a prática esportiva do futebol, a partir dos sons aí produzidos. Privilegia-se o espaço da cidade e do estádio pois é nestes locais que se torna possível perceber a diversidade de estímulos sonoros relevantes à prática, em contraposição às transmissões em rádio e TV que tratam a torcida como um indefinido mar de vozes ao fundo da narração.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Experiência Urbana; Futebol; Som; Torcida

Introdução:

Sistematizado por ingleses em finais do século XIX, o futebol tornou-se, durante o século XX, o esporte mais popular do mundo. Devido às regras pouco complexas e movimentos básicos relativamente simples, não privilegia um biotipo físico específico – ao contrário do vôlei ou basquete, por exemplo. Desde a década de 80, a prática esportiva profissional está intimamente ligada aos fluxos globais de capitais financeiros provenientes de multinacionais e casas financeiras – seja pela publicidade, marketing, ou exibição e cobertura nos meios de comunicação, seja por meio da aposta em loterias e casas de aposta. Desta forma, o futebol configura-se como uma componente não só da sociabilidade e sensibilidade contemporâneas nas cidades, mas também a conformação dos espaços urbanos.

Por um lado, o futebol, tanto profissional quanto amador, delimita locais para sua prática, sejam os estádios, campos de várzea e quadras poliesportivas em praças ou ginásios. Em dias de partidas importantes, reconfigura o trânsito nas ruas e avenidas das cidades, devido ao deslocamento de populações para locais onde elas vão somente a fim de acompanhar estes eventos.

Belo Horizonte é uma metrópole cuja região central ainda guarda a funcionalidade de articuladora de sua vida social, ao concentrar um comércio variado, prédios da administração pública e um grande volume de veículos que cruzam a região.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor dos Cursos de Comunicação Social e Design de Interiores do Instituto Metodista de Minas – Izabella Hendrix. Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós Graduação em Imagem e Sociabilidade da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador do grupo de Pesquisa Cartografias Urbanas – UFMG. Email: pedromarra@gmail.com



Diariamente, passam por estas ruas aproximadamente 800 mil pessoas. No entanto, a atividade esportiva continua ignorada como um possível uso do espaço pela população, por parte da prefeitura. Em nenhuma praça há espaço para a prática de esportes, e somente na área do Parque Municipal é possível encontrar quadras para a prática de tênis, futebol e basquete. Ainda assim, podemos perceber nos quarteirões fechados da praça Sete de Setembro usos não previstos do espaço que envolvem a atividade física do skate e a disputa de partidas de jogos de tabuleiro, como as damas, o xadrez e o gamão. No entanto, um olhar um pouco mais atento poderá logo identificar a presença do futebol nas ruas da região. As camisas dos grandes clubes são vistas nas ruas da cidade após as vitórias das equipes. Ingressos eram vendidos no prédio do antigo Psiu, atual UAI, posto de emissão de segunda via de documentos de identificação e boletos de taxas municipais, situado na Praça Sete de Setembro. A região é ponto de partida para os torcedores que vão de transporte público às partidas no Mineirão, mas também para a comemoração dos títulos conquistados, o que traz para a região uma variedade de sons de futebol.

Estes fatores nos fazem perceber a prática esportiva como um terreno fértil para os estudos da comunicação, prenhe de sentidos compartilhados e de estímulos de diversas naturezas que configuram uma experiência urbana singular não só aos esportistas, mas também aos torcedores. Assim, o presente artigo volta-se para a dimensão sonora desta experiência urbana singular. Questionamos qual a relação que se estabelece, durante a disputa de uma partida, entre os torcedores e o acontecimento jogo na cidade e dentro do estádio, por meio dos sons produzidos neste evento. Neste sentido, nos permitimos, assim como Carlos Fortuna, uma “analogy and metaphor in order to consider the heuristic value of sonorities and their relationship with behaviours and urban social life and environments³” (FORTUNA, 2001:1).

Torcidas, fascínio, som:

Costumeiramente, encontramos um certo desdém ao esporte por parte dos campos científico e intelectual, que o consideram como uma espécie de “ópio do povo”. Como coloca o estudioso Hans Ulrich Gumbrecht, “Quando intelectuais [...] aplicam aos eventos esportivos as ferramentas nas quais foram treinados, eles frequentemente se

³“analogia e metáfora a fim de considerar o valor heurístico das sonoridades e sua relação com comportamentos e a vida social urbana e os ambientes” - tradução nossa.



vêm obrigados a interpretar o esporte como um sintoma de tendências altamente indesejáveis” (GUMBRECHT, 2007:27). O autor atribui esta tendência a uma certa “metafísica ocidental” e “obsessão da cultura ocidental moderna” que obrigam a ver além da aparência material (corpórea) da experiência. Esta tendência retira do esporte a possibilidade dos corpos envolvidos na disputa se tornarem algo além de seu caráter sócio-político, o que segundo o autor estaria muito mais envolvido com uma apropriação da prática por outras esferas da vida. Sem negar este fenômeno, buscamos, assim como Gumbrecht, olhar para o esporte como esporte.

Uma abordagem nesta seara é a que vem se desenvolvendo no país desde a coletânea “Universo do Futebol”, organizada pelo antropólogo Roberto da Matta (1982). Aqui, o futebol é abordado como prática cultural urbana, com destaque para os processos identitários e de sociabilidade envolvidos na prática esportiva. Neste sentido, os estímulos produzidos pela prática esportiva funcionam como um fator de vinculação, que dizem respeito “à forma com a qual os atores sociais compartilham códigos culturais específicos de uma partida de futebol, utilizando todo ferramental comunicativo disponível” (FERNANDES, 2010:336). As torcidas são vistas, portanto, como um todo identitário, os signos do futebol como manifestação desta comunhão.

Ao observarmos, contudo, uma partida de futebol, percebemos o equívoco que é pensar as torcidas somente sob o signo do vínculo e da identidade. A primeira vista ela parece configurar-se como um amontoado indistinto de pessoas unidas pela paixão por uma mesma equipe de futebol. Esta ligação afetiva de um grupo de pessoas a uma instituição esportiva em particular, leva em conta relações de várias naturezas: pode ser passada de pai para filho; pode levar em conta relações étnicas/raciais, como a que liga a colônia de imigrantes italianos de São Paulo à Sociedade Esportiva Palmeiras; pode basear-se em períodos vitoriosos da equipe, como aconteceu com o Santos durante a década de 60; ou relacionar-se com questões econômicas e sociais, a exemplo de estereótipos sustentados a respeito de determinadas torcidas de futebol – o Fluminense e a aristocracia carioca, o Corinthians e as classes populares/operárias paulistas, etc.

Ao olharmos de perto, contudo, vemos que a torcida se divide em uma infinidade de tipos de torcedores. Existem aqueles que preferem ver a partida no conforto de casa, ou em bares com os amigos, distantes dos perigos do estádio e das Torcidas Organizadas, “organizações torcedoras pautadas em projetos coletivos, organizadas espacial e materialmente” (TOLEDO, 1996:13). Mas o público da arquibancada também inclui famílias, grupos de amigos, entusiastas do esporte, profissionais de imprensa



especializada. Cada um destes grupos apresenta maneiras diferentes de torcer, ainda que compartilhem signos comuns, como bandeiras e camisas, mas, sobretudo gritos de guerra, hinos e canções, piadas e chacotas com torcedores rivais.

A torcida de uma determinada equipe, neste sentido aparece como uma multiplicidade, constituída pela resultante de forças em jogo na prática esportiva em questão. É deste somatório, que não necessariamente resulta da adição de suas partes, que emerge uma rede de significados atribuídos às equipes em si e por extensão a seus torcedores. Assim, flamenguistas e atleticanos são considerados malandros, em contraposição aos elitistas são-paulinos, por exemplo. Os signos compartilhados pelos torcedores, neste sentido, só funcionam como fator de vinculação porque, antes de produzir identidade entre grupos tão distintos, manifestam o que Gumbrecht chamou de fascínio pelos esportes, e que “se refere ao olhar que é atraído – e até paralisado – pelo apelo de algo que é percebido (em nosso caso a performance atlética)” (GUMBRECHT, 2007:109). Ou seja, é por ver realizar-se a expectativa de uma série de movimentos, situações de jogo, etc, que o público reage, às vezes de forma coordenada, às vezes de forma diferenciada, o que envolve os usos deste código de maneira às vezes comum, às vezes singular.

O universo de sons ligados à prática de esportes aparece, desta forma, como uma constelação saturada de relações, com cada som ligando-se, desvilculando-se ou religando-se a outro de acordo com seu uso por cada torcedor ou pela multiplicidade torcedora, de maneira similar à que Gilles Deleuze e Félix Guattari chamam de ritornelo. De forte caráter territorial, o ritornelo pode agir tanto criando um novo espaço, quanto delimitando fronteiras entre lugares diferentes, ou ainda descolar-se do chão, assumindo outras funções e lugares. As canções entoadas no estádio, por exemplo, quando caem no gosto popular, invadem as ruas da cidade. Fogos de artifício guardados para a comemoração da vitória frustrada são disparados na derrota da equipe rival... ou na festa junina da rua, na semana seguinte á derrota.

O ritornelo comporta componentes sonoros, gestuais e visuais, mas uma das principais fontes de sua força de desterritorialização e reterritorialização está em sua componente auditiva e suas propriedades de mexer e agenciar um corpo – afinal, “o som nos invade, nos empurra, nos arrasta, nos atravessa. (...) Não se faz um povo se mexer com cores. As bandeiras nada podem sem trombetas, os lasers modulam-se a partir do som” (DELEUZE E GUATARI, 1997:166). Este fato pode ser muito bem observado em um jogo de futebol: se a torcida motiva seu time do coração é pelos cantos, pelo ruído produzido pela massa e não pelas bandeiras gigantes hasteadas – a atenção do jogador



deve voltar-se para o time adversário e para a bola em disputa. O desestímulo vem da vaia e as bandeiras hasteadas ao contrário são formas de protesto voltadas aos cartolas e não aos jogadores em campo. Por outro lado, tão importante quanto jogadas de efeito para animar a torcida, são os sons, a princípio imperceptíveis, que a prática esportiva produz: o toque na bola, os jogadores do time do coração que gritam entre si para articular uma nova jogada, os jogadores adversários que articulam as estratégias de defesa, o apito do juiz marcando uma falta.

Estes fatos evidenciam que o ritornelo poderá ser registrado segundo múltiplas perspectivas, cada uma operando um recorte arbitrário, destacando um som em relação a outros, formando o que chamaremos a partir de agora de paisagem sonora, conceito bastante utilizado contemporaneamente para o estudo do som situado em espaços. Criado e difundido por um grupo de pesquisadores e musicólogos canadenses, envolvidos no projeto de pesquisa *World Soundscape Project*, o termo se viu bastante envolvido na discussão da poluição sonora em espaços urbanos e é conceituado por Murray Schafer, um dos principais pesquisadores do grupo supra-citado, como “...qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos” (SCHAFER, 1997:366). Pode designar, desta forma, uma grande variedade de sonoridades, desde a presente em lugares reais, a construções sonoras abstratas, passando por gravações, sua edição e composições musicais tradicionais – as tecnologias de registro sonoro, inclusive são uma forte inspiração para a criação do conceito, sobretudo a partir da idéia desenvolvida pelo autor de esquizofonia e que remete a separação dos sons de sua fonte, permitida pela gravação.

Contudo, buscamos nos afastar dessa perspectiva, em primeiro lugar devido à noção de escuta que a subjaz, calcada em uma busca por um *ouvido pensante*, capaz de escutar com atenção as paisagens sonoras a fim de identificar seus sons desejados e indesejados e nela intervir, a fim de solucionar o problema da poluição sonora, sempre a partir de uma audição que as escute como uma composição de Mozart⁴. Para nós, a paisagem sonora não se caracteriza como um campo de estudos, mas como a ferramenta utilizada pelo pesquisador na tarefa de recortar e analisar os ritornelos presentes em um determinado espaço. A paisagem sonora está, neste sentido para a sonoridade dos espaços, assim como a fotografia ou o vídeo para as imagens. Permite congelar,

⁴ Uma revisão mais atenta e prolongada do conceito de Paisagem Sonora como cunhado por Murray Schafer pode ser encontrada no trabalho *Paisagens Sonoras do Comércio Popular: Uma Perspectiva para os Estudos dos Usos e Apropriações dos Espaços Urbanos*, de nossa autoria e apresentado no I Colóquio Internacional de Atividades e Afetos, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais.



destacar, aumentar certas nuances da sonoridade de um espaço a partir de uma única gravação, mas também permite dar movimento, relacionar, aproximar ou fazer chocar diferentes sons a partir da edição e montagem do material produzido. A paisagem sonora opera, desta forma como os panoramas, da forma como nos diz Walter Benjamin “estes vastos quadros circulares pintados em *trompe-loeil* e destinados a serem olhados a partir do centro da rotunda, representavam cenas de batalhas e vistas de cidades: *Vista de Paris, Evacuação de Toulon pelos ingleses, O acampamento de Bologna, Roma, Atenas, Jerusalém.* (...) (BENJAMIN, 2006: 569).

Os sons do futebol na cidade de Belo Horizonte

A primeira vez que o futebol chamou nossa atenção dentro do espaço do centro de Belo Horizonte foi durante uma deriva de gravação sonora – procedimento de pesquisa de campo adotado pelo Grupo de Pesquisa Cartografias de Sentidos do Centro de Belo Horizonte, que, inspirada nas idéias do grupo Situacionista, envolve a delimitação de um trajeto no espaço do centro para caminhadas nas quais são registradas, em diversos suportes, impressões, fenômenos e situações que se desenrolam no espaço. Na ocasião, saíamos da Praça Sete, subindo a Rua Rio de Janeiro, quando cruzamos com um táxi estacionado e com o rádio ligado na transmissão de um jogo amistoso da Seleção Brasileira contra a Alemanha. Durante o caminho, passamos por algumas lojas de eletrodomésticos cujas televisões também exibiam a partida. Curiosamente, no término da caminhada, quando estávamos na Avenida Santos Dumont, voltamos a escutar a mesma partida em um outro rádio, mas na mesma estação.

Em primeiro lugar, podemos perceber questões relativas à duração do evento futebolístico, que acaba por produzir um efeito de redução de distâncias entre dois lugares socialmente bastante diversos. Numa caminhada de aproximadamente uma hora, foi possível passar por regiões distintas do espaço do centro, e escutar, justamente naquelas que apresentam características de comércio relativamente opostas (a primeira de comércio de roupas de ponta de estoque e de grifes famosas, destinado a um público classe média/alta em busca de preços convidativos; a segunda de comércio bastante popular, que envolve supermercados com baixos preços, lojas de material elétrico, de brinquedos e de produtos para cozinha, além de motéis, cinemas pornográficos e prostíbulos de baixo meretrício).



Se, neste caso, a sonoridade do futebol não consegue efetivamente fundir os dois territórios, os aproxima de maneira bastante íntima, não só pela paixão do brasileiro com relação ao esporte bretão, mas também por sua fonte que não necessariamente estaria fixa nestes logradouros – um taxista e uma barraquinha de Cds piratas. Outro ponto a se destacar é a força mobilizadora e aglutinadora do som com relação à imagem: junto ao taxista e à barraca de camelô outras pessoas se aglomeravam para também escutar a partida. O mesmo não acontecia com relação às telas de televisão que transmitiam, nas lojas, a partida. Neste segundo caso, os transeuntes passavam direto e ninguém parava, nem que fosse para somente observar o placar.

As TVs em lojas de eletrodomésticos costumam ficar silenciosas. Carecem assim, não só das narrações das transmissões radiofônicas e televisivas, como do som produzido pela torcida na arquibancada e que fica estrategicamente ao fundo das partidas de futebol. O rádio parece ter também um maior apelo aglutinador de pessoas exatamente pelo fato de o som produzido pela torcida e pela partida possuírem um maior o destaque complementando o sentido da acelerada narração. Na televisão, ressalta-se o caráter total e unificado da torcida como um aglomerado indefinido de vozes, a partir de seu uso como mero adereço, geralmente comentado pelo narrador, que precisa explicar o que grita a torcida⁵.

Em outra ocasião, pudemos observar que na mesma Rua Rio de Janeiro, entre a Rua Caetés e a Avenida Santos Dumont, em frente a uma agência dos Correios, encontram-se todas segundas-feiras a tarde, sujeitos ligados a prática do futebol amador de toda a cidade. Neste momento, jogadores, técnicos, responsáveis pelos campos e outros participantes se encontram, ainda no calor dos resultados das partidas do final de semana anterior, para comentar os jogos realizados e marcar as partidas da semana seguinte. Passando do outro lado da rua, vemos somente uma aglomeração de homens. É atravessando a rua que podemos nos aproximar deles e verificar sobre o que conversam. Sua disposição visual nada nos diz dos motivos que os reúnem, apenas a escuta das conversas traz a tona esta possibilidade. Meses mais tarde, encontramos em um armazém árabe, situado do outro lado da rua, um cartaz de divulgação de torneio de futebol de várzea a acontecer no final de semana seguinte. A localização destas discussões e organizações de partidas e torneios nesta região não é mera coincidência: a

⁵ É um aspecto a se notar como as transmissões de rádio têm cada vez mais se assemelhado à realizada pela TV, no que tange a utilização dos sons no estádio. Esta transformação vem sendo operada na passagem das rádios do AM para o FM, e pode estar ligada a possibilidade técnica desta última tecnologia no que diz respeito à dinâmica sonora proporcionada por ela. Este no entanto será tema para outro artigo.



região é repleta de lojas que vendem artigos e serviços voltados para um público masculino, como lojas de material esportivo (camisas de clubes, tênis para prática de esporte, etc), ou produtos domésticos que os maridos podem rapidamente adquirir, em sua volta para casa, a partir do pedido de suas esposas.

Escutamos ainda uma partida de futebol no centro de Belo Horizonte enquanto circulávamos pela Rua Carijós, entre a Rua dos Guaranis e Avenida Olegário Maciel, região onde concentram-se lojas de elétrica e eletrônica. Nesta ocasião, uma partida entre Cruzeiro e Ituiutaba, por uma rodada adiada do Campeonato Mineiro, foi disputada no período da tarde do meio de semana, no horário das três horas. Era aproximadamente quatro e meia quando chegamos ao local e nos deparamos com uma rua onde era possível escutar em todos os seus pontos, na mesma intensidade (o que conhecemos popularmente como volume), uma única transmissão radiofônica do jogo, que naquele momento já se encontrava próximo de seu final. Isto porque grande parte das lojas, situadas em ambos os lados da rua executavam, de maneira sincrônica, a mesma transmissão radiofônica, gerada por uma estação AM, da partida. Apesar da transmissão, o local não estava ruidoso, e poucos carros passavam pela rua. O resultado foi a constituição de um ambiente tranquilo e provavelmente muito aconchegante para os torcedores cruzeirenses.

Cruzar o Centro de BH torna-se tarefa necessária para aqueles que assistirão partidas das principais equipes de futebol da capital, Atlético e Cruzeiro. No dia 22 de Março de 2009, fomos ao campo da Pampulha de ônibus para assistir à partida Atlético x Vila Nova disputada pela 10ª rodada do Campeonato Mineiro daquele ano. Saímos de Santa Tereza rumo ao Centro de Belo Horizonte, cruzando o bairro Floresta, caminho percorrido pela Avenida do Contorno, chegando ao viaduto da Floresta e daí ao Boulevard Arrudas. A região estava vazia, ao meio dia de domingo, ao contrário do que acontece nos outros dias da semana, apesar da tradicional feira de artesanato que todo domingo ocupa a Avenida Afonso Pena, e que reúne uma infinidade de vendedores de produtos diversos, bem como milhares de clientes todos os finais de semana. Decidimos tomar a linha 2004, que cruza as adjacências do estádio Mineirão, em seu ponto situado na Avenida Afonso Pena, próximo à Praça Sete de Setembro. À medida que subíamos a Avenida Amazonas, o movimento de pessoas aumentava, assim como o número de camisas listradas em branco e preto e de torcidas organizadas atleticanas. O ponto de ônibus estava cheio, unindo o movimento daqueles que saíam da feira com o daqueles



que iam para o jogo. Entre estes últimos, muitos trajavam camisetas da Galoucura, a principal torcida organizada do Clube Atlético Mineiro.

O ônibus não demorou a chegar e já estava cheio de torcedores atleticanos que cantavam e batucavam nos tetos, janelas e bancos do coletivo. Grande parte deles também trajava camiseta da Galoucura. Demoramos quase cinco minutos para entrarmos todos no ônibus que ficou lotado de atleticanos que dirigiam-se ao estádio. Partimos em direção ao Mineirão, com os torcedores ao fundo do ônibus puxando os gritos de guerra que seriam entoados durante a partida. Os outros passageiros respondiam em coro, ressoando a batucada e pulando dentro do ônibus nos momentos mais animados. Os cantos ironizavam torcedores de outras grandes equipes do futebol brasileiro, como são-paulinos, santistas, palmeirenses, flamenguistas e, sobretudo, cruzeirenses. O nome da torcida Galoucura era mencionado e repetido constantemente. Algumas vezes, quando insatisfeitos com a resposta e empolgação do restante do ônibus, os torcedores do fundo cantavam uma música que dizia haver torcedores cruzeirenses no ônibus e que quem não cantasse seria repreendido e até espancado. O coletivo parou poucas vezes durante o percurso e poucos passageiros desceram antes de chegarmos ao destino final.

Os sons de futebol no estádio:

Nos arredores do estádio, o movimento já era intenso por volta das 14h. Burburinho das pessoas, vendedores de comida e bebida e o crepitar de chapas onde se cozinha churrasquinho, feijão tropeiro e sanduíches eram os sons mais comuns. Alguns torcedores tentavam comprar ingresso. Ou trocar seus ingressos por outros, de forma a assistirem o jogo em outra parte do estádio, gritando “troco ... [o número do portão para o qual possuem bilhete] por ... [o número do portão que desejam]”.

A torcida do Vila Nova (no máximo 1000 pessoas, mas muito provavelmente menos que isso) acomodava-se na geral, onde não havia torcedores atleticanos, e mal era escutada. Os torcedores do Galo se concentravam na arquibancada. Ficamos do lado do gol que ataca no sentido da lagoa da Pampulha, onde concentra-se a torcida que não faz parte das organizadas, do lado atleticano do Mineirão. Em dias de jogo de torcida única, a Galoucura instala-se em área cruzeirense do estádio, atrás do gol que defende a Lagoa da Pampulha, onde normalmente se coloca a torcida organizada Máfia Azul, da equipe rival. No ponto mais distante da Galoucura estão os torcedores independentes – grupos de amigos, famílias, torcedores que vão sozinhos ao estádio e que buscam localizar-se o



mais longe o possível da Organizadora atleticana, para poderem acompanhar a partida com tranquilidade e sem risco de sofrerem alguma forma de violência.

Aqui não se canta a todo momento, embora continue-se torcendo de maneira silenciosa e nem por isso menos tensa: acompanha-se as ações que desenrolam o jogo; a cada lance de perigo, os torcedores levantam-se; gritam de alegria ou tristeza a cada gol marcado; xingam as jogadas mal feitas do seu time e urram de prazer com a má pontaria adversária; comentam falhas e lances de efeito, sempre em voz alta para se fazerem ouvir no estádio. Também ecoam, baixinho, os gritos de guerra das organizadas, como mantras que aumentam a possibilidade de maior sorte; uma questão de fé, em última instância.

Os times entram em campo, a escalação é anunciada nos telões do estádio e a torcida, puxada pela Organizadora, sobretudo a Galoucura, grita o nome de cada jogador que começará a partida. Os tambores das organizadas abafam o som da charanga do Galo – formação instrumental com um naipe de sopros e grupo percussivo que executa repertório musical de banda militar de maneira incessante – fazendo com que seja difícil encontrar sua localização no estádio. Quando a bola começa a rolar, a torcida vibra com intensidade. Aplaudes lances de ataque mal sucedidos, xinga erros do Atlético e alivia-se com um sonoro grito de Uhhhhh!, quando a equipe do Vila Nova erra um chute. O jogo é morno e por isso os gritos arrefecem, mesmo que uma bola na trave, aos 13 minutos do primeiro tempo, faça a torcida reanimar-se e urrar com o infortúnio. Alguns minutos mais tarde, vibra, com um breve grito de felicidade com o anúncio do gol do Rio Branco em cima do Cruzeiro, em partida realizada em Andradas, no sul do estado. O gol na outra partida significava a possibilidade de o Atlético assumir a liderança do campeonato.

Aos 37 minutos do primeiro tempo, quando em um lance de sorte o lateral esquerdo Júnior tenta cruzar uma bola sobre a área e acaba por encobrir o goleiro e marcar o gol, a torcida, que estava em seu momento menos agitado da partida, acorda e vibra com o tento marcado, cantando até o final da primeira etapa. O empate do Cruzeiro em Andradas não desanima o Mineirão, já que a vitória do Atlético significava ultrapassar o arqui-rival na tabela.

No intervalo, a torcida descansa e novamente canta e grita menos. Alguns torcedores comentam a primeira etapa da partida, outros conversam entre si sobre assuntos que não necessariamente dizem respeito ao esporte. A partida reinicia-se tranquila para o Atlético, e despreocupada, a torcida faz menos barulho que durante o segundo tempo.



As Organizadas continuam entoando seus cânticos que ecoam nos demais torcedores. Aos 24 minutos do segundo tempo, um balde de água fria é jogado na torcida: o atacante Éverton, do Vila Nova, recebe lançamento longo e toca na saída do goleiro atleticano para empatar a partida. Passado o susto, a torcida volta a cantar e gritar, a fim de empurrar a equipe em direção à vitória, conquistado em cobrança de falta do jogador Chiquinho, que acabara de entrar na partida.

A festa toma conta do estádio. A Galoucura canta seus gritos de guerra e anuncia a ola – movimento coordenado, realizado por toda a torcida presente no estádio e que consiste levantar-se e sentar-se de forma a fazer o mar de pessoas presentes nas arquibancadas imitarem o movimento de onda realizado pelo mar – que em breve será coreografada pelo estádio. Notamos pela primeira vez que a ola não inicia-se no lugar do estádio onde é anunciada, ou seja na Torcida Organizada. Em resposta ao pedido da Galoucura, o outro lado do estádio inicia a coreografia, que dará duas voltas completas no estádio. Para articular a ola de maneira bem sucedida, a torcida retira sua atenção do jogo e a volta para o seu próprio movimento, no único momento em que centra o foco em si mesma. Findada a partida, todos comemoram a vitória e a liderança no campeonato. O estádio progressivamente esvazia-se e, conseqüentemente, silencia-se.

Em 14 de junho de 2009, acompanhamos outra partida do Clube Atlético Mineiro, desta vez contra o Clube Náutico Capibaribe, de Recife, válida pela 6^a rodada do Campeonato Brasileiro deste ano. Para esta observação, adotamos procedimentos diversos dos utilizados na primeira observação, realizando uma deriva dentro do próprio estádio: em primeiro lugar, adquirimos ingressos para a arquibancada central, com o objetivo de assistir o primeiro tempo do jogo em um ponto distante das torcidas organizadas, e o segundo tempo em um ponto próximo. Esta mudança de lugar nas arquibancadas tinha por objetivo comparar a sonoridade e os modos de ver o jogo em dois locais diferentes, ocupados por torcedores com perfis diferentes, o que nos permitiu realizar um mapeamento das regiões da arquibancada, bem como dos sons e sentidos compartilhados durante a disputa. A partir da rede de relações estabelecidas, podemos identificar diferentes experiências de uma partida de futebol. Além disso, chegamos ao estádio não mais em ônibus, mas de carro.

O trânsito nas proximidades do estádio estava intenso, por isso estacionamos o carro a uma certa distância do estádio. No caminho a pé, encontramos diversos torcedores do Clube Atlético Mineiro. A expectativa era alta pois o time permanecia invicto no campeonato, vinha de uma vitória significativa por 4 a 0 contra o Atlético Paranaense



em Curitiba e poderia, dependendo da combinação de resultados, terminar a rodada na primeira posição da tabela. Era também o melhor início do Atlético no Campeonato Brasileiro desde que fora adotada a fórmula de disputa por pontos corridos.

Fora do estádio, os mesmos sons escutados na partida anterior: gente conversando, vendedores de bebidas e comidas, chapas quentes fritando churrasquinho e carne para os pratos de feijão tropeiro e sanduíches. Entramos logo no estádio, que já estava bastante cheio, uma hora antes da partida. Nos posicionamos em local bastante próximo a onde assistimos a partida com o Vila Nova. O público aqui presente era bastante parecido com o que observamos na partida anterior.

O ritual de início do jogo se repetiu com relação à observação anterior: o telão novamente mostrava o time que começaria a partida, e a torcida repetia o nome dos jogadores. A partida começa e logo no início a torcida se cala. Em uma disputa de bola no meio campo, aos 11 minutos do primeiro tempo, o lateral direito Thiago Feltri entra de forma imprudente e perigosa, com um carrinho, no atacante do Náutico, Carlinhos Bala e é punido com o cartão vermelho, sendo expulso da partida. Com um jogador a menos, o Galo sofre com a pressão do Náutico e a torcida fica tensa, fazendo menos barulho, cantando menos canções, gritando mais com os jogadores, esbravejando ordens defensivas aos jogadores. O momento de tensão dura pouco, pois cerca de 2 minutos após a expulsão, o Atlético marca o seu gol, fazendo a torcida ir ao delírio. A Galoucura volta a cantar seus gritos de guerra, torcedores voltam a gritar o nome dos jogadores, os tambores voltam a tocar alto. Durante o restante do primeiro tempo, a equipe mineira continuou jogando na defesa, mas a torcida não parou de cantar. Alguns torcedores esbravejavam ordens defensivas aos jogadores, como “corre”, “vai atrás dele”, “quem você está marcando?” e “entra nele”.

No intervalo da partida, cruzamos a arquibancada central para assistirmos o 2º tempo em sua parte mais próxima da Galoucura. No trajeto, percebemos uma grande variedade de tipos de torcedores e cuja excitação e vibração aumenta na medida que nos aproximamos da principal Torcida Organizada atleticana. Quando cruzamos a linha do meio de campo, encontramos a charanga do Galo.

Na outra metade do campo a festa é maior – difícil é não se contagiar pela alegria. Percebemos pequenas aglomerações de torcedores, munidos com instrumentos percussivos e que entoam canções próprias. Os torcedores não só repetem as letras das músicas e gritos de guerra, como também dançam. Encontramos nosso lugar bastante



próximo da Galoucura, mas separados dela por um alambrado. Uma outra torcida, com instrumentos percussivos encontra-se também bastante próxima. A partida recomeça.

O Náutico volta pressionando, mas a torcida não para de cantar. Como estamos entre duas Organizadas, escutamos uma grande confusão de sons, gritos de guerra e músicas. Algumas vezes as duas torcidas cantam e tocam a mesma música. Noutras, canções diferentes. Mesmo quando tocam a mesma canção, não a executam necessariamente de maneira sincrônica, apresentando um ligeiro descompasso entre si. Aqui, assistimos todo o período de pé, cantando e dançando as canções e gritos de guerra que as torcidas entoam.

Logo aos 5 minutos do segundo tempo, o Náutico tem uma falta para cobrar na entrada da área do Atlético. A bola é levantada na área, um jogador do Náutico cabeceia e o goleiro Aranha afasta o perigo com o pé. Um zagueiro do Náutico, na sequência, comete falta na saída de bola do Galo e é expulso. A torcida vai ao delírio. Grita e canta a volta à igualdade numérica de jogadores. Manda o time ir para cima do adversário. O Clube Atlético Mineiro marca novamente e a torcida continua cantando. O Atlético substitui os dois atacantes: eles saem ovacionados pela torcida que canta uma música com o nome de um e grita o nome do outro. Sai o terceiro gol e o estádio canta “Adeus Náutico”. A Galoucura pede novamente que a torcida faça a Ola e é prontamente atendida pelo outro lado do estádio, que inicia a coreografia. A Ola dá três voltas completas na arquibancada. Finda a partida, a torcida comemora o resultado e o primeiro lugar na tabela.

Considerações finais:

Uma partida de futebol é um evento não apenas visual, mas também bastante sonoro. Se não podemos observar a disputa esportiva no centro de Belo Horizonte, várias outras dimensões desta prática podem ser ali encontradas, atribuindo sentidos e usos inusitados a regiões específicas do centro da capital mineira, estabelecendo fronteiras, criando novos espaços, aproximando ruas distintas. O futebol emerge, desta forma como um fluxo que atravessa os territórios constituídos na cidade e os corpos ali presentes, produzindo novos lugares de sociabilidade, que surgem e desaparecem dependendo da duração dos ritornelos produzidos no esporte.

É no estádio que se torna possível perceber como o aparente mar de vozes escutado na televisão e no rádio na verdade é composto por uma multiplicidade de gritos, oriundos



de diferentes torcidas organizadas, torcedores independentes e outros grupos, cada um materializando uma forma diversa de se torcer pela equipe do coração. Como nos interessamos pelos aspectos sonoros da disputa de uma partida de futebol, o estádio emerge como um local privilegiado para realizarmos nossa observação. Não queremos com isso dizer que fora dele o som não se faça presente: pela televisão escuta-se a narração sob fundo do ruído das torcidas no estádio e dos próprios sons produzidos durante a disputa. Os espectadores também contribuem com ritornelos do jogo de futebol – seja com seu tenso silêncio no início da partida, sua comemoração ou lamento por gols marcados e sofridos.

No entanto, é no estádio que os sons se manifestam de maneira mais exuberante e premente. Em primeiro lugar, é nele que se gestam e difundem, sobretudo pela ação das torcidas organizadas, os cantos e gritos de guerra que serão adotados pelos fãs de um determinado clube. Destacamos, também, a intensidade e diversidade sonora presentes neste local, tão maiores quanto mais gente uma determinada partida atrai. Assim, é a partir da arquibancada, durante as partidas, que os torcedores têm uma chance efetiva de influir no resultado da disputa, pois os signos sonoros se tornam identificáveis pela equipe em campo, que se motiva de acordo com o entusiasmo com que se torce. A TV e o rádio borram essa diversidade em um indefinido mar de vozes, no qual poucas palavras são distinguíveis.

A arquibancada é o local da torcida, em constante diálogo com os eventos que se dão em campo. Ela é ocupada de maneira diversa, apresentando algumas regiões bem demarcadas – os locais onde localizam-se as Torcidas Organizadas ou as charangas, formações instrumentais caracterizadas por naipe de metais e conjunto de percussão, por exemplo – e outras difusas. Cada um destes espaços é, portanto, ocupado com certa afetividade, constituindo pontos de vista que privilegiam, mas não determinam, experiências específicas da partida de futebol.

Nesta dinâmica, um apontamento que se delineia é a função de maestro da torcida exercida pelas Torcidas Organizadas: elas puxam o coro dos gritos de guerra, hinos e coreografias executadas pela torcida como um todo. Exemplos desta constatação são a Ola, anunciada pela Torcida Organizada e iniciada em outra região do estádio. É nas Torcidas Organizadas, inclusive, que podemos encontrar o ideal de torcida unificada privilegiada pelos estudos de identidade e sociabilidade no futebol.

REFERÊNCIAS



BENJAMIN, Walter, *Passagens*, Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DA MATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: ed. Pinakotheke, 1982.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofreia. Vol. 4*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FORTUNA, Carlos. *Soundscapes: The Sounding City and Urban Social Life in Oficina do Centro de Estudos Sociais*, Junho, 2001

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da Belza Atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *A Festa e a Guerra: O Jornalismo Esportivo e a Formação das Torcidas Organizadas de Futebol do Rio de Janeiro*. In *1º Encontro da ALESDE – Esporte na América Latina: Atualidade e Perspectivas*. UFPR, Curitiba, 2008.

MARRA, Pedro Silva. *Paisagens Sonoras do Futebol: Som e Esporte em Uma Metrópole Latinoamericana*. In: IX Congresso de la ALAIC, 2008, Atizapan de Zaragoza. Anais del IX Congresso de la ALAIC, 2008.

SCHAFER, R. Murray, *A Afinação do Mundo: Uma exploração Pioneira pela história passada e pelo atual estado do mias negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.